

## **Entrevista VERA MARIA TIETZMANN SILVA: “Devo a Lobato minha fascinação pelo mito grego”**

A entrevistada deste número de *Téssera* é VERA MARIA TIETZMANN SILVA, professora aposentada da Universidade Federal de Goiás, em Goiânia, instituição em que atuou por mais de trinta anos. Graduiu-se em Letras – Português e Inglês – em São Leopoldo RS, onde deu aulas de inglês e de português no Ensino Fundamental e Médio. Em 1973, for força do casamento, mudou-se para Goiânia, trocando os pampas pelo cerrado. Sua família e sua carreira foram construídas nesta bela cidade. Inicialmente trabalhou na Universidade Católica de Goiás (hoje PUC), desdobrando-se numa ciranda de diferentes disciplinas por doze anos. Em 1984, já na UFG, com o Mestrado concluído e a dissertação sobre Lygia Fagundes Telles publicada, passou a dedicar-se exclusivamente ao curso de Letras dessa universidade.

A alteração curricular ocorrida nessa década, oficializando a entrada de Literatura Infanto-juvenil na grade, foi decisiva para os rumos que sua carreira tomaria. Tendo a preocupação de colocar essa disciplina ao lado, e não abaixo, das demais literaturas do curso, nossa entrevistada deu-lhe um tratamento em profundidade. O mesmo olhar percuciente e crítico com que desvendava estruturas de construção, simbolismos e entrelinhas dos textos que analisava com seus alunos de Teoria da Literatura aplicou à análise de obras da literatura infantil brasileira. Levando seu acervo pessoal para a sala de aula, ela fazia seus alunos lerem não só centenas de obras dos bons autores, mas também a sua fortuna crítica, para depois, eles mesmos, produzirem breves análises respaldadas por um instrumental teórico de sua escolha. De 2002 a 2007, organizou e publicou em livros os melhores artigos de seus alunos da graduação sobre seis autores selecionados da literatura infantil brasileira: Lygia Bojunga, Marina Colasanti, Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Sylvia Orthof e Monteiro Lobato. É a coleção *Primeiros voos*, projeto único no país.

Professora e crítica literária, atuou em diversos programas de incentivo à leitura de âmbito municipal, estadual e federal, tendo publicado três obras de apoio ao professor (duas adquiridas pelo MEC e presentes em todas as escolas públicas). Ela própria, uma apaixonada pela leitura, pelo mito grego e pela obra ficcional de Lygia Fagundes Telles, tomou um tema

mítico, a metamorfose, para analisar os contos dessa escritora em sua dissertação de mestrado, que já teve duas edições. Seu mais recente livro, publicado em 2017, é *Decifra-me ou te devoro! O mito grego na sala de aula*, que também tem por público-alvo professores e promotores de leitura. Nele, a autora mostra a permanência e a atualidade do mito grego no cotidiano, na linguagem e nas artes, dando preciosas informações sobre livros e material audiovisual disponíveis no mercado. Ao longo de várias décadas, a professora Vera Tietzmann formou leitores, a quem seduziu para a literatura, para a docência e para os estudos críticos. São leitores que também estão formando novos leitores.

***Téssera – Você foi uma leitora precoce? Que leituras marcaram sua infância?***

Aprendi a ler aos sete anos, ao entrar para a escola, e saber ler foi para mim uma revelação, a descoberta de um mundo muito amplo e atraente. Dos oito aos dez anos li toda a série infantil de Monteiro Lobato, não uma, mas muitas vezes. Lia tudo que me caísse nas mãos, e a coleção Terramarear do meu irmão, com suas histórias de aventuras, muito me seduzia. Além disso, os dezoito volumes do *Tesouro da juventude*, que meu pai comprou em 1936, quando minha irmã mais velha tinha apenas três anos, era uma fonte inesgotável de informação e de entretenimento.

***Téssera – Quando foi seu primeiro encontro com as narrativas míticas da herança greco-latina? Existe algum mito de sua predileção?***

Devo a Lobato minha fascinação pelo mito grego. Ele tirou os deuses e heróis da inacessibilidade do Olimpo e os colocou no sítio de Dona Benta, interagindo com seus personagens, tornando-os familiares para os seus leitores infantis. O *Minotauro* era meu livro preferido, ao lado dos outros dois que também trabalhavam com o mito, *O Picapau Amarelo* e *Os doze trabalhos de Hércules*. Ulisses, com sua astúcia, e a história de amor de Eros e Psiquê sempre despertaram minha atenção. São personagens que têm traços muito humanos, seja na sua inventividade, seja na sua fraqueza diante das tentações e vicissitudes. Quem não chora de saudade de casa como Ulisses diante do mar? Quem não tem uma face secreta como Eros? Quem não sucumbe à curiosidade como Psiquê?

***Téssera – As artes plásticas sempre tiveram nos mitos uma fonte de inspiração, sobretudo no tema do amor. Fale de algumas obras motivadas pelo mito que você aprecia.***

Dentre as inúmeras obras produzidas por artistas no decorrer dos séculos, algumas são prediletas: “Apolo e Dafne”, do italiano Gian Lorenzo Bernini, “O beijo”, do francês Auguste Rodin, e “Cupido e Psiquê”, do italiano Antônio Canova.

A primeira é uma escultura em tamanho natural do século XVII que flagra o momento exato da metamorfose da ninfa em um loureiro – o espectador vê os pés da moça transformando-se em raízes, os braços em galhos, os cabelos em ramagem. E vê também a frustração de Apolo que tenta enlaçá-la. É um magnífico exemplar da arte barroca, capturando e congelando a ação de um breve momento em seu acontecer.

“O beijo”, de Rodin, escultura da transição do século XIX para o XX, de fato teve como inspiração um casal de amantes da *Divina comédia*, mas quem a vê logo se lembra de Eros e Psiquê e da paixão que os unia. Esse casal mítico já tinha sido transformado em escultura por Antônio Canova no século anterior, e é provavelmente a uma réplica desta que Lygia Fagundes Telles alude em “Lua crescente em Amsterdã” pela voz do protagonista que diz:

Tinha lá em casa uma estatueta com um anjo nu fervendo de desejo, apesar do mármore, todo inclinado para a amada seminua, chegava a enlaçá-la. Mas as bocas a um milímetro do beijo, um pouco mais que ele abaixasse... A aflição que me davam aquelas bocas entreabertas, sem poder se juntar. Sem poder se juntar.

É essa dinâmica interrompida que diferencia Canova de Rodin. O beijo de Rodin é estático, definitivo – sua imobilidade é acentuada pelo bloco de mármore bruto que une e petrifica os amantes. Em muitas esculturas de Rodin as imagens ainda aprisionadas dentro da pedra provocam no espectador uma sensação aflitiva. A arte é pródiga ao abastecer-se dos temas míticos, mas creio que bastam esses três exemplos.

***Téssera – Considerando que os mitos expressam essências da condição humana, o que caminha de forma consciente e inconsciente numa sociedade, a qual mito nossa época estaria associada?***

Estamos vivendo um período muito significativo da história do homem na Terra. Arrisco dizer que estamos hoje sujeitos ao domínio da metamorfose. “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”, dizia Camões, que também viveu numa época de intensas mudanças, mas não podemos concluir, como ele, que “já não se muda mais como soía”. Pelo contrário, hoje muda-se muito mais do que soía. O vertiginoso avanço tecnológico, ao mesmo tempo que traz

benefícios e facilidades antes nunca sonhados, está instalando uma mentalidade de obsolescência e descartabilidade também nunca sonhada. O que hoje é novo, amanhã é obsoleto e descartado como inútil.

Essa noção de que tudo é provisório e mutável instalou-se também no plano das relações humanas. Nada é para sempre. Na vida privada, hoje prevalecem os Narcisos, preocupados apenas consigo mesmos, tirando *selfies* e enclausurados nos limites de seus celulares. Solitários como o infeliz grego, que só sabia amar a si mesmo. Comportamentos e valores cultivados até poucas décadas atrás mudaram drasticamente. Para melhor? Para pior? Aonde este caminho vai nos levar? Já podemos ver os resultados da descartabilidade de objetos, que está afogando o planeta em lixo. E a descartabilidade de pessoas aonde nos levará?

***Téssera – Quem tem o privilégio de ser seu aluno não sai infenso ao fascínio dos mitos, uma vez que sua bagagem cultural é suficiente para articular a literatura de hoje ao patrimônio clássico, e você o faz em cada aula, em cada estudo. Você desenvolveu essa metodologia, que tanto cativa o estudante, já em seus primeiros anos de ensino?***

A vantagem de ser professor é poder “passar o vírus” para os alunos. É levá-los a compartilhar suas paixões. Só que para isso você mesmo tem de ter esse vírus. Meu primeiro livro sobre mitologia, *A legenda dourada*, foi presente de um professor, prêmio por uma redação, quando tinha uns treze anos. No Ensino Fundamental, para ligar meus alunos adolescentes ao clima de aula quando voltavam do recreio, muitas vezes eu usava os cinco primeiros minutos para ler ou contar um relato mítico. Todo mundo gosta de ouvir uma história, e eles se iludiam pensando que era simples passatempo (“enrolation”), mas depois eu encontrava algum texto curto – poema, crônica ou conto – em que aqueles personagens apareciam clara ou veladamente, e eles tinham o prazer da descoberta, do mergulho nas entrelinhas. Nas aulas da universidade essa prática foi mantida, dando preferência a autores que exploravam esse tipo de intertextualização, como Lygia Fagundes Telles e Marina Colasanti.

***Téssera – Você é uma grande estudiosa da Literatura Infantil e Juvenil. Poderia nos dizer como os autores retomam os mitos pensando nesse público específico?***

Os catálogos das editoras revelam que há um número grande de publicações sobre o mito grego. Em *Decifra-me ou te devoro!* (Cânone, 2017), fiz um levantamento do que existe disponível hoje. Há paráfrases, que recontam os mitos para públicos leitores de diferentes

idades ou competências leitoras; adaptações de textos mais longos, como da *Ilíada* e da *Odisseia*; existem atualizações, que trazem o mito para o cenário contemporâneo, como a série de Rick Riordan voltada para adolescentes; e também existem paródias, em geral mais adequadas ao público adulto, uma vez que as crianças ainda não sabem lidar com o discurso irônico. A variedade é bem grande, e alguns livros são realmente primorosos.

### ***Téssera – Qual a sua opinião sobre as adaptações de Ruth Rocha para a Odisseia e a Ilíada?***

A questão das adaptações não é um ponto pacífico entre professores e estudiosos da literatura. Realmente, sempre é preferível ler uma obra em seu texto original (se for na língua original, melhor ainda) para poder apreciar a linguagem e o estilo peculiar do autor. Isso porque o enredo é apenas um aspecto da obra, nem sempre o mais relevante. Contudo, quando se trata das grandes obras da literatura universal, como as epopeias de Homero, a *Divina comédia* de Dante ou os dramas de Shakespeare, o acesso à fonte original é possível apenas para uns poucos privilegiados.

Ana Maria Machado, em *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo* (Objetiva, 2002), com base em sua própria trajetória de leitora, defende que as crianças e os adolescentes devem, sim, ter acesso aos clássicos adaptados. Sou da mesma opinião, pois, na infância, li *Hamlet* e *Romeu e Julieta*, bem como *Os lusíadas* numa versão em quadrinhos, editados pela EBAL. Também li “O inferno” de Dante em fragmentos ilustrados por Gustave Doré, publicados mensalmente numa revista católica que assinávamos. Um de meus irmãos tinha o livro *Contos de Shakespeare*, em que Charles e Mary Lamb, em 1807, narraram 28 dramas – comédias e tragédias – em formato de contos. Lendo essas versões, o jovem leitor tem uma ideia do conjunto da obra desse autor e também conhece os enredos de suas peças, que às vezes são complicados, como é o caso do *Rei Lear*. Isso o prepara para mais tarde chegar ao texto integral.

Assim, embora me pareça que Ruth Rocha tenha “podado” demais os textos de Homero, ela certamente contribuiu para o enriquecimento da bagagem cultural de seus pequenos leitores. Um ponto positivo que percebi foi a ilustração, feita pelo marido da autora, que dispensou a tradicional estilização das formas e o colorido exuberante dos livros infantis em geral em favor de desenhos bastante realistas em traço preto, que lembram as figuras de frisos e de ânforas gregas. São versões que eu recomendaria para leitura de crianças e de pré-adolescentes.

***Téssera – A que você atribui a grande explosão da literatura infantil e juvenil na década de 1970?***

O chamado *boom* da literatura infantil brasileira na década de 1970 se deu, acredito, pela combinação de diversos fatores. Podemos citar, por exemplo:

- A reformulação no sistema educacional, que, no início dessa década, fundiu o antigo primário e ginásio no que passou a se chamar de Ensino Fundamental, ampliando para oito anos o ensino obrigatório, o que aumentou consideravelmente o número de alunos na escola.
- A difusão da TV, que trouxe a “cultura da imagem” – dando alento e motivação para uma nova geração de ilustradores, que se dedicaram a tornar atraentes as obras para crianças.
- A redescoberta da leitura pela escola – nessa esteira depois as editoras descobriram a escola como potencial consumidor de livros. A escola, a partir de então, passou a cobrar leituras de texto integral (antes eram só excertos em *Seletas*) de obras infantis. Isso foi algo realmente novo no cenário.
- O regime militar vigente no país, que era muito controlador, implementou a caça aos “subversivos” e a censura a espetáculos e publicações. Era comum nas universidades haver falsos estudantes designados para vigiar professores e alunos e delatar os que supunham manifestar-se contra o governo. Os livros infantis passavam incólumes pelos censores, que não lhes davam importância, eram “coisa de criança”. Como fizera Lobato sob a ditadura Vargas, os escritores valeram-se da brecha para criar obras bastante críticas.
- Em São Paulo, a editora Abril manteve por vários anos, com a colaboração ativa de Ruth Rocha, a revista infantil *Recreio*, distribuída em todo o país, e que tinha uma tiragem altíssima. Esta revista, por convite da autora, publicou textos infantis de muitos professores perseguidos (Joel Rufino dos Santos, por exemplo), que eram pagos para isso. Pode-se dizer que uma nova safra de escritores nasceu nas páginas da *Recreio*.

***Téssera – Nos anos 1980, Maria Zaira Turchi e você promoveram, ao longo de dez anos, os Simpósios de Literatura Infantil. Fale sobre essa experiência.***

Nessa década, a literatura infantil e juvenil entrou como disciplina na grade curricular de muitos cursos de Letras. A UFG foi uma das primeiras a incorporá-la e bancou um curso de especialização com professores especialistas para os interessados. Zaira e eu nos voluntariamos para assumir essa cátedra. Foi dela a ideia de promover eventos anuais, os simpósios, que tinham cerca de 500 participantes. A cada ano convidávamos escritores, ilustradores e especialistas de várias partes do país, que aqui vinham dar palestras ou oficinas. O simpósio era a oportunidade que professores de todos os níveis tinham de conhecer seus autores e ilustradores favoritos, de tomar contato com práticas de leitura, de atualizar-se e de refletir sobre sua atuação docente. Paralelamente, publicávamos os textos das palestras nos Cadernos de Letras – um produto quase artesanal – que depois usávamos como material didático nas nossas aulas. Ao fim de dez anos, decidimos encerrar o ciclo com um último simpósio que teve por foco Monteiro Lobato, o iniciador no Brasil de uma literatura infantil digna desse nome.

***Téssera – Nos anos 1990, a venda de diversas editoras provocou o declínio de publicação dos autores brasileiros. Você acha que existe esperança de alguma mudança de expectativa em relação à leitura e à produção de literatura infantil e juvenil?***

Infelizmente, é preciso admitir que a educação e a cultura não estão na lista de prioridades em nosso país. E são essas áreas as primeiras a sofrer cortes e contingenciamentos quando a economia vai mal. A grande circulação de livros nas escolas a partir dos anos 70 criou uma situação de interdependência entre editoras, livreiros, autores, escolas e governo. Os autores criavam seus livros, os artistas os ilustravam, as editoras os produziam. Uma parte ia para as livrarias, mas o grosso da edição era comprado pelo governo, que os distribuía às escolas. Já faz um bom tempo que o MEC não abre editais para a compra de livros, e a verba para pagar o que já foi adquirido está contingenciada. Esse arrocho já forçou muitas pequenas editoras a encerrarem suas atividades. O cenário que estamos vivendo hoje não dá esperanças de que essa situação melhore, pelo menos não em curto prazo.

***Téssera – Literatura infantil e juvenil, um guia para professores e promotores de leitura é uma obra que alcançou notório reconhecimento nacional: conquistou o terceiro lugar na categoria Livro Didático e Paradidático do Prêmio Jabuti-2009 e recebeu o selo Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil no mesmo ano. Em 2010 foi selecionado pela Biblioteca Nacional para os programas Livro Aberto e Mais Cultura e***

***foi adquirido pelo MEC para o programa Biblioteca do Professor, sendo distribuído a todas as escolas públicas do país. A que você atribui esse sucesso?***

Esse livro me foi encomendado pela editora Cãnone, que me sugeriu escrever um livro que sistematizasse o curso de literatura infantil que eu dava na graduação e incluísse palestras e artigos de minhas participações em eventos dessa área. Apesar de constituir um curso, seus capítulos são independentes. Ao final de cada capítulo acrescentei sugestões de atividades com leitura em diversos níveis de ensino e também em programas de formação continuada do professor, além de incluir ao final do volume uma bibliografia comentada. É um livro que pensa o ensino da literatura para além da sala de aula, podendo ser do interesse de docentes de todas as áreas. Tenho outro livro, editado pela RHJ, de Belo Horizonte, destinado a docentes do Ensino Médio, organizado nesses mesmos moldes e que também foi adquirido pelo MEC, é *Leitura literária e outras leituras: impasses e alternativas no trabalho do professor*.

***Téssera – Em 1985 você publicou seu primeiro livro, A metamorfose nos contos de Lygia Fagundes Telles, reeditado em 2001 pela editora da UFG. É uma pesquisa ancorada num tema mítico. Naqueles tempos pré-internet, você teve acesso fácil a uma bibliografia teórico-crítica sobre esse tema?***

Meu orientador, Dr. Gilberto Mendonça Teles, da PUC-Rio, me forneceu uma lista de obras teóricas fundamentais que tratei de garimpar em livrarias, bibliotecas, sebos e acervos de amigos. O sabe-tudo Google e as compras de livros em sebos pela internet ainda não existiam. Não encontrei obras críticas, pelo menos não extensas, com essa perspectiva. Nos estudos lygianos ainda hoje este meu livro é referência na fortuna crítica da autora.

***Téssera – Em 2018 você teve mais um livro premiado, Decifra-me ou te devoro! O mito grego na sala de aula, uma primorosa edição da Cãnone Editorial, de Goiânia. Ele recebeu da FNLIJ, do Rio de Janeiro, o prêmio Cccília Meireles, na categoria Melhor Livro Teórico de 2017. É também destinado ao professor?***

Sim, e esse livro também me foi encomendado pela editora Cãnone, que me pediu um livro que revelasse ao professor o lastro mítico presente nos textos literários e também no dia a dia de todos nós. Tínhamos a expectativa de que ele fosse incluído nas compras do MEC para a Biblioteca do Professor. Mas o edital nunca saiu. Como os outros dois que o MEC colocou nas escolas, este traz textos informativos e de reflexão, sugestões de atividades didáticas,

leituras recomendadas e bibliografia. Neste há dois tipos de bibliografia, as leituras do professor e as leituras do aluno, trazendo somente informações de obras disponíveis no mercado. Mas este é um livro que pode ser lido por qualquer leitor – se ele não for docente, basta ignorar as atividades com a leitura, que é o fecho de cada capítulo.

A leitura do mito que ali faço, dividida nos capítulos que tratam das origens, do encontro consigo mesmo, do encontro com o outro e das passagens e travessias na vida mostram que os mitos nasceram no começo dos tempos, mas que continuam vivos, atualizando-se constantemente e dando sentido à nossa vida.

Goiânia, 10 de novembro de 2019

*Vera Maria Tietzmann Silva*





1

---

<sup>1</sup> Vera Tietzmann Silva lendo, aos 9 anos de idade. Desenho feito por sua irmã Ruth.